



COVEN

ELA NASCEU COM UM DOM...
E ESTÁ DISPOSTA A MORRER
POR ELE.

Harper L. Woods

COVEN

Harper L. Woods

COVEN

Tradução de Luciana Dias



A dark, atmospheric background featuring wisps of smoke or mist and spider webs. The smoke is concentrated in the corners, while the spider webs are visible in the top right and bottom left. The overall mood is mysterious and slightly ominous.

Para os que amam vilões.



PRÓLOGO

ALARIC GRAYSON THORNE

DESDE A MINHA CRIAÇÃO, 329 anos atrás, eu tinha aprendido a apreciar as melhores coisas da vida. A beleza dos vitrais coloridos cortados com todo o cuidado nas janelas em arco e os prismas de luz que eles lançavam na parede de blocos de pedra escura dos corredores da Universidade Bosque do Vale era apenas uma delas. Nada ficava a dever ao aroma irresistível de sangue de bruxa emanado pela mensageira que me acompanhava até a sala do tribunal.

A Aliança não esperaria muito tempo por ninguém, nem mesmo pelo homem designado para ser o reitor da sua preciosa universidade. Teias de aranha e poeira cobriam o caminho à nossa frente e torci o nariz para o mau estado de conservação em que a universidade se encontrava desde que eu colocara os pés nela pela última vez, havia cinquenta anos.

A bruxa ao meu lado parou diante dos portões do tribunal no fim do corredor. Ela gesticulou com a mão de unhas bem cuidadas sobre a fechadura, observando enquanto o mecanismo de ferro e ouro girava até se separar. As engrenagens rodaram devagar, o efeito cascata deslizando até o restante das trancas seguirem a ação. As barras travadas ao longo do espaço em que as duas portas se uniam enfim recuaram. O suave clique sinalizou o momento de a bruxa segurar a maçaneta.

— Há quantas gerações entre você e a irmã de George Collins? — perguntei, levando a bruxa a contrair os lábios quando ela virou a cabeça para trás e olhou para mim.

— São nove gerações entre mim e *A Aliança* — respondeu ela com um olhar de desprezo.

Os bruxos eram sempre petulantes quando falavam do que havia acontecido com os seus líderes, os dois bruxos que os tinham comandado ao longo dos séculos.

Susannah Madizza e George Collins não existiam mais — substituídos pelas duas metades da Aliança quando Charlotte Hecate os ergueu dos seus túmulos.

— Uma pena — falei com um sorriso de canto de boca. — Sarah Collins era linda antes de morrer. Triste ela não ter conseguido passar isso aos seus descendentes.

A expressão da bruxa era de choque no instante em que eu passava pelo portão que ela abriu. Eu me virei para a direita e caminhei em direção à sala do tribunal, onde A Aliança esperava por mim. Minha acompanhante permaneceu nos portões, como a cachorrinha obediente que sua ta-ta-*seja-lá-qual-for-tataravó* havia assegurado que ela se tornasse.

— Olha quem fala, seu morto-vivo imbecil! — exclamou ela atrás de mim.

Ajeitei o paletó do meu terno, endireitando a lapela enquanto segurava as duas portas internas do tribunal e as abria com destreza.

A Aliança estava sentada nas cadeiras douradas feitas há séculos, dedos esqueléticos agarrados nos braços enquanto aquela que um dia fora Susannah Madizza se inclinava para a frente. Seu capuz se deslocou um pouco para o lado, permitindo que alguma luz do sol que entrava pelas janelas de caleidoscópio na parte lateral da sala de audiências circular iluminasse o que restava do seu rosto.

A carne do seu corpo apodrecera havia muito tempo, deixando somente a forma muito fina de um esqueleto para retribuir meu olhar. Seu pescoço estava virado em um ângulo antinatural no local onde havia sido quebrado quando a enforcaram, a ligeira inclinação para o lado exibindo a forma como morrera tantos anos antes.

Suas cavidades oculares continuavam vazias, porém, de alguma maneira, ela me *via*.

— Perturbando nossas crianças de novo, reitor Thorne? — perguntou ela, aquela voz sinistra e acrônica se estendendo entre nós. Ela tamborilava a ponta do osso do dedo no braço da cadeira em um staccato constante que senti como um ataque à minha impaciência.

A outra metade da sua magia se sentava ao lado dela, o masculino equivalente ao seu feminino.

George Collins não tinha descendentes com o seu nome para defender — não com a profecia que determinava as regras do coven, forçando os bruxos a fazer a Escolha: ter uma prole ou manter sua magia. Ele era tão esquelético quanto Susannah, mas seu pescoço se curvava para o outro lado. O que eu podia ver dos seus ossos revelava profundas marcas de cortes ali cravados, um indício da tortura que havia sofrido nas horas precedentes à sua morte.

— Suponho que não tenha me convocado até aqui para discutir minha conduta com sua sobrinha-neta, Aliança — retruquei, cerrando os dentes.

Minha espécie não fora feita para ser subserviente a ninguém, mas a magia que nos mantinha ligados à carne dos nossos hospedeiros nos tornava dependentes dos bruxos se um dia quiséssemos nos libertar dos corpos que nos aprisionavam.

Considerávamos uma bênção nunca precisar possuir uma nova forma, ter um corpo que pudesse ser nosso por uma eternidade.

Estávamos enganados.

— Decidimos reabrir a universidade — revelou George, falando antes que sua contraparte feminina pudesse intervir. — Todos nós precisamos de sangue novo. A atenção que recaiu em nós por causa daquele dia há muito tempo caiu no esquecimento.

— Por mais que eu, também, fosse apreciar sangue novo para me alimentar, preciso aconselhar cautela em abrir nossos portões mais uma vez. Os rumores irão se espalhar assim que anunciarmos nossa reabertura — declarei, fitando os dois esqueletos que me encaravam.

— Duas gerações de bruxos foram levadas a aprender magia na privacidade das suas casas — disse Susannah, se levantando do seu trono. A capa preta que a envolvia escondia os seus ossos da vista enquanto ela descia os degraus do palanque. — Chegou a hora de eles receberem educação adequada. Nós só vamos abrir nossas portas a doze novos alunos de fora do Vale do Cristal a cada ano, e já selecionamos pessoalmente quem vai se unir a nós baseado no poder que detectarmos. Não haverá anúncios formais. — Ela estendeu uma lista com garranchos escritos à mão dos nomes de quem ela havia selecionado.

— Que garantia temos de que não vai acontecer o mesmo que da última vez? — perguntei, pensando apenas na segurança da minha espécie. Ainda que fosse difícil nos matar, alguns de nós haviam sido feridos no massacre ocorrido fazia cinquenta anos.

— Se não reabrirmos nossas portas, não restará ninguém com quem as bruxas possam se reproduzir. Se nós morrermos, a sua espécie também morre. Não se esqueça de que precisa do sangue do nosso povo para sustentar você, Alaric — disse Susannah, virando-se de costas para mim e se encaminhando para o trono que esperava por ela.

Cerrei a mandíbula, forçando meu corpo a se curvar em uma rasa reverência.

— Como se fosse me permitir esquecer isso um dia — expressei, amassando a lista de nomes — Embora talvez deva se concentrar mais no fato de a

população de bruxos estar se reduzindo mais rápido do que havíamos previsto. Me pergunto a razão disso estar acontecendo, Aliança.

Virei as costas para eles, sem esperar por uma resposta às farpas que trocamos, os músculos na minha bochecha pulsando quando eles não podiam mais ver.

Malditos bruxos.



1
WILLOW

DOIS MESES DEPOIS.

Palavras sussurradas chamavam minha atenção, quase ao meu alcance. Eu não conseguia compreender mais do que os sons abafados dos mortos, sem assimilar as palavras que tentavam me dizer.

Nem mesmo pela mulher que jazia no caixão à minha frente, eu era capaz de controlar a magia que ainda não me pertencia de fato. Se ficasse com os olhos fechados tempo suficiente, talvez me convencesse de que a semana passada tivesse sido um sonho. A ilusão de um pesadelo, um péssimo produto da minha imaginação, o dia para o qual eu fora realmente criada.

E do qual eu queria, mais do que tudo, fugir.

Os sussurros às minhas costas ressoavam dentro de uma bolha, à parte dos murmúrios vagos da voz da minha mãe, como se eu pudesse me separar dos vivos na minha tentativa de ouvi-la. Mesmo quando todas as pessoas que haviam cochichado pelas costas da minha mãe esperavam sua vez de se despedir da mulher que nunca entenderiam, eu não conseguia me forçar a abrir os olhos.

Eu estava parada com os pés equidistantes e alinhados à largura dos meus ombros, um hábito que meu pai havia entranhado em mim a vida toda. Pronta para qualquer situação a qualquer momento — fosse o ataque de um caçador ou alguma coisa ainda pior. O piso sob meus sapatos não era natural, causando uma cisão que me impedia de tocar a única coisa que fazia minha alma se sentir inteira.

A terra sob os meus pés.

— Low — uma voz soou baixinha.

Uma mão deslizou para a minha, seus dedinhos se entrelaçando com os meus em um padrão que conhecíamos bem. Ash ficou ao meu lado mesmo depois de dizer o meu nome, me dando a chance de me recompor. De conter a força que ameaçava me consumir. Nós tínhamos impedido que meu irmão soubesse o que éramos, pensando na sua segurança e no que o aguardava se algum dia ele descobrisse sua magia e atraísse o coven até nós.

Devia ter aguentado firme por ele. Afinal, não era só a *minha* mãe que estava apodrecendo em um caixão para todos verem; a dele também.

Forcei meus olhos a se abrirem, encarando as fotos da nossa mãe e da nossa família. Rostos sorridentes fitavam a multidão, ilusoriamente humanos. Como se nós fizéssemos parte deste lugar, quando o único lar que tivemos de verdade não nos acolheria se as pessoas soubessem o que nós éramos.

Seres humanos tinham uma capacidade limitada de compreensão no coração. Possuíam a tendência de evitar a bruxaria de verdade — prova disso foram os julgamentos que haviam quase exterminado meus ancestrais.

Um único e lento olhar para o rosto da minha mãe me fez fechar a cara, me lembrando do motivo pelo qual eu tinha fechado os olhos para conter minha irritação.

Seu batom estava errado. A cor vermelha era ousada demais para a minha mãe, que preferia não chamar muita atenção. Estava bem claro que a pessoa responsável por prepará-la para o funeral não a conhecia nem um pouco, cobrindo as linhas de expressão do sorriso que ela valorizava como resultado da sua vida feliz e plena, livre do coven que a teria arrastado de volta para o Vale do Cristal esperando e gritando.

Já era ruim o suficiente que ela precisasse ser enterrada de acordo com os costumes humanos — seus restos mortais presos em uma caixa dentro da terra que a mantinha separada do elemento —, a não ser que meu pai cumprisse sua parte no acordo. Ele deveria entrar escondido no cemitério no meio da noite enquanto o túmulo ainda estivesse fresco, colocá-la para seu descanso final em cima do caixão e enterrá-la novamente de forma que ela pudesse encontrar a paz.

Com um movimento rápido, agarrei o amuleto que ela usava em volta da garganta e o puxei até a corrente se partir. Os idiotas que cochichavam atrás de mim ficaram boquiabertos de choque, mas Ash não pareceu nem um pouco chateado quando eu afinal voltei meu olhar para onde ele estava ao meu lado.

Seus olhos castanhos eram um reflexo perfeito do que eu teria visto se minha mãe abrisse os dela, tão diferentes dos meus já que não tínhamos os

mesmos pais. Ele tinha o mesmo cabelo acaju, tão escuro que era quase preto, tons de vermelho brilhando de leve nas luzes fortes demais da funerária.

— Vamos sair daqui — falei, apontando com a cabeça para a entrada do salão. Ash concordou de leve, lançando um rápido último olhar para nossa mãe.

Nós dois sabíamos o que viria a seguir. Ela havia me dado instruções muito precisas do que fazer com Ash quando ela acabasse sucumbindo à doença que havia assolado seu corpo, tirando-a de nós aos pouquinhos.

Ash soltou minha mão, passando entre os bancos e abrindo caminho em direção à saída. Ele mantinha a cabeça erguida de uma maneira que quase me fez abrir um sorriso presunçoso, sua fúria tão parecida com a da nossa mãe. Eu me contive enquanto as pessoas à minha volta sussurravam a respeito da morte que nos seguia, do fato de que todos que pareciam ser muito próximos de mim e do meu irmão acabavam morrendo cedo.

A magia tinha uma maneira de consumir tudo ao redor de uma bruxa se não fosse satisfeita ao ser usada, e mais cedo ou mais tarde atingiria a própria bruxa se ela a ignorasse por tempo demais.

Como aconteceu com a minha mãe.

A lama cobria o chão de piso branco enquanto nos aproximávamos da saída, grudando na sola dos sapatos de quem entrava para se despedir da minha mãe, Flora Madizza.

Fazia todo o sentido, pensei. Logo, Flora retornaria para a terra de onde ela tinha vindo. Ela seria colocada na terra quando meu pai realizasse seu último desejo. Enfim ela estaria em casa, em um lugar que lhe traria paz, seu poder absorvido de volta para a natureza que nos convocava.

Uma mão envolveu meu antebraço enquanto eu andava rumo à saída, seguindo o meu irmão, que se apressava para escapar da tensão sufocante daquele recinto repleto de gente que não gostava de nós. Ele podia não entender o medo que despertávamos em tantas pessoas, mas via mesmo assim.

Minha cabeça virou bruscamente para o lado, e encarei o homem que me segurava. Seus dedos apertaram o meu braço por um momento antes de ele engolir em seco.

— É de praxe que vocês fiquem para que a cidade possa dar os pêsames e oferecer condolências — disse ele, observando enquanto meus olhos rastream seu peitoral até a sua mão que tinha tocado em mim sem permissão.

Ele a retirou devagar, fingindo tranquilidade, como se só tivesse me soltado porque ele quis. Pisquei olhando de volta para o rosto dele, abrindo um sorriso enviesado quando ele recuou do contato visual com o que ele provavelmente considerava ser um demônio. Eu via aquele olhar assustador

toda vez que fitava o espelho. O âmbar até seria considerado uma cor bem natural para meu olho, se não fizesse par com o violeta claro do meu olho esquerdo. A maioria considerava um tom diferente de azul, incomum, mas não desconhecido. Só com a proximidade as pessoas percebiam a verdade.

Um presente da linhagem do meu pai — uma característica que havia desaparecido fazia séculos.

— Alguma vez eu me importei com o que é *de praxe*, Sr. Whitlock? — perguntei, puxando meu cardigã largo cinza para se ajustar em volta de mim enquanto me sentia inundada pela onda de desconfiança do homem. Virei-me para o local onde meu irmão esperava, na saída, contraindo os lábios ao dar o primeiro passo em sua direção.

Eles fariam o que quisessem com o corpo da minha mãe dali em diante, e eu continuaria a exigir que seus desejos fossem cumpridos, conforme ela pedira. Ash se pressionou contra mim quando cheguei perto dele, e então empurrei a porta para abri-la e o deixar passar. Virei-me para lançar um único olhar para o caixão da minha mãe, sabendo que logo não teria como voltar atrás.

Sem a proteção da minha mãe, o destino que meus pais haviam escolhido chegaria para mim, quisesse eu ou não.

*

— PEGUE SUAS COISAS — FALEI, engolindo em seco com o turbilhão de emoções que pareceu apertar minha garganta. Os humanos da cidade em geral chamavam de ter um nó na garganta por causa da rouquidão. Nunca entendi a analogia, na verdade, me parecia que havia terra de cemitério vindo do meu interior para me pegar.

— Não quero ir — implorou Ash, me olhando enquanto eu fechava a porta da frente. Apesar de a umidade do verão fazer a madeira dilatar, dificultando seu encaixe na moldura, ela fechou com facilidade. Eu me virei, dando as costas para Ash enquanto trancava a fechadura e puxava a corrente pelo vão que deixava entrar uma grande corrente de ar gelado fora de época.

Setembro não costumava ser tão frio, mesmo na nossa cidadezinha nas montanhas de Vermont.

Tirei com um chute as sapatilhas pretas que usei para o velório da minha mãe, empurrando-as para o lado enquanto eu dava meia-volta para olhar para o meu irmão. Mesmo sem minha mãe lá, mesmo sabendo que logo essa casa estaria vazia e esquecida, eu não conseguia desobedecer às regras dela.

Regras com as quais ela não se importava mais.

Lágrimas fizeram meus olhos arderem quando me inclinei para a frente, dando um beijinho na testa de Ash. Senti seu suspiro sob meu toque, seu olhar direto no meu quando me afastei.

— Sabe que não podemos ficar aqui — expliquei, colocando um braço em volta do ombro dele. Eu o puxei para fora do corredor estreito, nos encaminhando em direção à escada na entrada da sala de estar.

Ele se desvencilhou, se dirigindo a mim agressivamente, com as sobrancelhas franzidas.

— Por que não? Por que você não me diz para onde está indo?

Fechei os olhos, sabendo que minha mãe tinha me feito jurar segredo para a própria proteção do meu irmão. Eu só queria poder fazê-lo entender, gostaria que ele pudesse ver como eu simplesmente pouco me importava com a missão que tinham me dado.

Se eu pudesse fazer do meu jeito, o destino que se lixasse.

— Vou contar quando você for mais velho. Prometo — argumentei, me encaminhando para a escada.

Coloquei a mão no velho corrimão de nogueira e olhei para meu quarto lá em cima quando subi o primeiro degrau. A vontade de me enfiar embaixo dos lençóis era gigantesca; queria me esconder do mundo, das responsabilidades e das expectativas que me pressionavam.

— Você diz isso há anos! Quando?

Passsei as mãos no rosto, descendo do degrau e me agachando na frente de Ash.

— Quando você tiver dezesseis anos, eu conto tudo. Prometo.

— Por que não agora? — perguntou ele, o lábio inferior tremendo.

Nossa mãe não queria ter outro filho, não depois da realidade do que eu era e o que significaria para quem fosse próximo de mim. O mínimo que podíamos fazer era protegê-lo da melhor forma possível — mesmo se isso significasse abandoná-lo com pessoas que ele mal conhecia no processo.

Morar com a família do pai dele era muito melhor do que morrer do meu lado nessa missão idiota e estúpida da qual eu parecia não conseguir escapar.

— Eu não deixaria você se tivesse escolha. Por favor, acredite nisso — falei, pegando as mãos dele. Eu as apertei com força e soube pelas lágrimas que se acumulavam em seus olhos que ele acreditava. Durante toda a sua vida, ele tinha sido tudo para mim. Minha mãe costumava usar meu irmão para me motivar a praticar a magia que me parecia tão distante no início.

A possibilidade de protegê-lo já bastava para me fazer crer que valia a pena.

— Então venha comigo — disse ele, mordendo o lábio inferior. — Meu pai vai tomar conta de você até encontrar um trabalho novo. Você sabe disso.

Era verdade. O pai de Ash não era como o meu. Ele era humano, bom, paciente e amoroso. Era tudo que um pai deveria ser, e foi só pela necessidade de sigilo da minha mãe que ele não pôde passar mais tempo com o filho. Por outro lado, meu pai bruxo tivera a permissão de passar bastante tempo comigo, me moldando para me tornar o instrumento perfeito de vingança, por qualquer meio necessário. Não havia qualquer afeição entre nós, nem carinho ou amor.

Eu não passava de um meio para um fim para aquele homem que me criara com um único propósito.

Porém, o pai de Ash não podia me proteger do que estava vindo e, pior ainda, ele não podia proteger meu irmão do perigo de estar ao meu lado quando tudo acontecesse.

— Não é tão fácil assim, Bichinho — aleguei, o apelido carinhoso que eu não usava havia meses escapando da minha boca. Era como a minha mãe o chamava, mas sua doença havia tirado sua capacidade de falar no final.

Usá-lo sem ela parecia errado.

O casaco da minha mãe pareceu balançar no cabideiro como se um vento fantasma tivesse passado pela casa, fazendo um arrepio subir pela minha espinha. Uma lembrança de como seria impossível para mim ir com eles quando viessem. Como a última bruxa Madizza, minha vaga na Bosque do Vale estava garantida, se quisessem dar continuidade à linhagem de Susannah.

— Mas podia ser. Só me prometa. Me prometa que não importa para onde formos, nós vamos juntos — pediu ele, se enterrando ainda mais no meu peito. Eu o abracei mais apertado, engolindo a queimação na garganta e resistindo à vontade de fungar.

Fiz a única coisa que jurei nunca fazer.

— Prometo, Bichinho — assegurei, envolvendo-o ainda mais em meus braços.

Eu menti.



2
GRAY

VIREI MEU PESCOÇO PARA o lado ao entrar no tribunal, olhando ao redor do círculo. De ambos os lados do palanque onde a Aliança esperava, seis bruxos estavam sentados com suas túnicas cerimoniais coloridas.

— Duas convocações em alguns meses. O que me fez ter tanta sorte de ser considerado merecedor da sua presença dessa vez, Aliança? — perguntei, balançando o braço em um floreio debochado enquanto me curvava.

— Cuidado, Alaric. Embora achemos você divertido na maioria das vezes, até a nossa paciência tem limite — advertiu Susannah.

Dei de ombros, olhando para os bruxos, que me observavam com ar de reprovação.

— Eu não sabia que vocês podiam sentir alguma coisa.

Susannah levantou uma mão ossuda para tocar no rosto, passando por cima do crânio, tirando o capuz e revelando o pior da sua irritação. É tão difícil determinar o humor de um ser quando ele não tem nem pele.

Não havia revirar de olhos, nem contrações na bochecha ou lábios franzidos. Decifrar os humores da Aliança se tornou um jogo para mim nos séculos em que passei aprisionado nesta carne semimortal junto com eles.

— Temos uma última aluna para trazer antes que as aulas comecem em dois dias — informou George, solícito ao mudar de assunto e estragar meu prazer em atormentar aqueles que livrariam o mundo de mim se pudessem. Para a minha sorte, eles não tinham o poder necessário e ficariam presos nessa desgraça eterna junto comigo.

Preferia o fogo do Inferno ao confinamento do corpo criado para me aprisionar aqui.

— Achei que já havíamos trazido dois alunos novos para cada uma das Casas. Estou errado em fazer essa suposição? — perguntei, franzindo a testa. Meus homens tinham trazido de fora da barreira mágica que cercava o Vale do Cristal, dois Brancos — que canalizavam magia dos cristais —, dois Roxos — os bruxos cósmicos —, dois Cinzentos — que realizavam magia com o ar —, dois Azuis — que a canalizavam com água —, dois Vermelhos — os bruxos do sexo — e dois Amarelos — que utilizavam o fogo. Também trouxemos uma única bruxa Verde, o que marcava a ausência de uma das famílias herdeiras. A linhagem Madizza não comparecia desde a morte de sua última descendente, duas décadas antes, deixando apenas a Casa Bray para fornecer a magia dos Verdes. Eles foram agrupados pelas Casas Petra e Beltran, dos Brancos, Realta e Amar, dos Roxos, Aurai e Devoe, dos Cinzentos, Tethys e Hawthorne, dos Azuis, Eroles e Peabody, dos Vermelhos, e Collins e Madlock, dos Amarelos, sendo os que restaram das famílias herdeiras. A Casa Hecate, a única dos bruxos Pretos, havia sido extinta no massacre, cinquenta anos antes.

— Uma nova bruxa se revelou a nós — explicou Susannah, se sentando mais ereta em cima do seu palanque. Ela olhou para as linhas de simetria ao seu lado, para os doze bruxos que lideravam cada uma das casas na cidade. Eram representantes das dezesseis famílias originais que fundaram o Vale do Cristal, os únicos que restavam daquelas linhagens nobres nos séculos que se passaram.

— Então ela pode simplesmente cursar no ano que vem, não? Se ela tem dezesseis anos, é nova demais para estudar na Bosque do Vale nos próximos quatro anos — argumentei, me virando devagar em um círculo enquanto esperava por qualquer um dos presentes ecoar a minha opinião. A Bosque do Vale exigia que todos os alunos tivessem pelo menos vinte anos, dadas as atividades que aconteciam dentro dos muros da escola uma vez por semana no dia da Extração.

Uma das bruxas Brancas se levantou, os cristais minúsculos costurados no tecido da sua túnica reluzindo quando ela estendeu uma pasta para mim. Eu a peguei, abrindo a capa de papel manilha para olhar a foto em cima de um calhamaço de informações.

Fiquei pasmo ao me deparar com um par de olhos de cores diferentes — o esquerdo um roxo pálido, e o direito brilhando como ouro líquido. Eles eram profundos e puxados para cima nos cantos externos, circundados por uma pele bem morena. Seu cabelo caía em ondas cheias em volta dos ombros, um castanho-avermelhado escuro que era quase preto, brilhando contra a jaqueta de couro preta que ela usava para cobrir o primeiro indício de curvas fascinantes.

Puxei a foto para baixo, o nome no topo do arquivo fazendo minha sobancelha se erguer em dúvida.

— Willow *Madizza*? — perguntei, olhando para o que restava de Susannah. Ela era a última da linhagem Madizza, e eu não tinha certeza se ela contava. Não quando ela não estava realmente viva e, ao mesmo tempo que coexistia, estava separada do resto dos bruxos.

— Ela é a última de uma família fundadora, Alaric. Claro, até você pode entender que é de suma importância que ela seja trazida à Bosque do Vale imediatamente — ressaltou Susannah.

— Como ela ficou escondida esse tempo todo? Por que não sabiam antes da existência dela? — Olhei em torno da sala.

Para os bruxos, era um sacrilégio questionar a Aliança. Eu não fingia me importar com essas formalidades, não quando minha alma era bem mais velha do que os bruxos podiam sonhar ser. Eu existia desde a alvorada dos tempos, desde a criação da Terra em si.

Alguns séculos não eram nada, apenas um piscar de olhos.

— Presumo que a mãe dela a manteve protegida, depois de forjar a própria morte quase duas décadas atrás. Ela faleceu de verdade na semana passada — disse Susannah.

Não havia pesar pela descendente que devia ser sua ta-ta-ta-ra-alguma-coisa-neta. Apenas o desejo de ver sua linhagem restaurada dentro da cidade que ela liderava.

— Vou mandar Juliet. A garota pode se sentir mais confortável se for uma mulher que fizer contato. Ela sabe o que ela é? — perguntei, folheando o arquivo. Ela tinha frequentado uma escola para humanos, trabalhava em um jornal para humanos. Não havia sinal de treinamento de magia nos documentos.

— Não. Quero que você vá buscar pessoalmente. Não temos nenhuma razão para acreditar que ela faça ideia do que ela é. Mas se tiver, ela possui a magia de uma linhagem inteira dentro de si, Alaric. Ela é imprevisível, para dizer o mínimo. Muito provavelmente é perigosa se se sentir acuada. Leve Juliet com você, assim como Kairos. Garanta que ela não se machuque, mas deixe claro que sua presença na Bosque do Vale não é opcional neste caso — instruiu Susannah, se levantando.

Os outros bruxos a seguiram, inclinando a cabeça em respeito enquanto Susannah se aproximava de mim no centro do círculo. Ela colocou a mão esquelética no meu ombro, a magia sombria que a trazia à vida reverberando enquanto me atravessava. Aquilo me atraía, assim como os semelhantes se atraem, um reconhecimento de que não éramos tão diferentes afinal de contas.

Almas imortais aprisionadas em alguma coisa não tão viva nem tão morta.

— Você quer que eu a force a vir para cá? — indaguei, o sussurro ecoando entre nós.

Eu não tinha escrúpulos. Não me importava nem um pouco com uma garota que eu nunca tinha visto ou com o livre-arbítrio a que a maioria diria que ela tinha direito. Mas o coven se importava com essas coisas. Eles exigiam que nada acontecesse na Bosque do Vale sem que um bruxo consentisse.

Da reprodução à alimentação, eles autorizavam cada passo no caminho. Mesmo se tivessem que distorcer as circunstâncias para obter o consentimento, eles faziam o necessário para amenizar a culpa em sua consciência com mentiras.

— Custe o que custar. Está me entendendo? — questionou a Aliança, e mesmo sem globos oculares para me encararem de volta, senti a coerção de seus desígnios. Ela não permitiria que sua linhagem morresse, não quando ela, finalmente, tinha uma chance de vê-la reposta. — Pelo bem do coven, a garota deve voltar com você.

— E se isso só fizer com que ela deteste a minha espécie? E aí? — perguntei enquanto sua mão esquerda saiu do meu ombro e ela passou se arrastando por mim, se encaminhando para as salas privadas nos fundos do tribunal onde ela e George se mantinham isolados, exceto quando iriam falar com seu rebanho.

— Então vai haver mais uma bruxa detestando você quando se alimentar dela. Achei que já estaria acostumado com isso a essa altura — disse Susannah, fazendo um ruído que parecia quase uma risada enquanto abria as portas e sumia de vista.

Dei meia-volta, a fim de encontrar Juliet e Kairos para nossa viagem para outro estado. Pelo menos ela só estava a algumas horas de viagem de carro, e chegaríamos lá em pouco tempo.

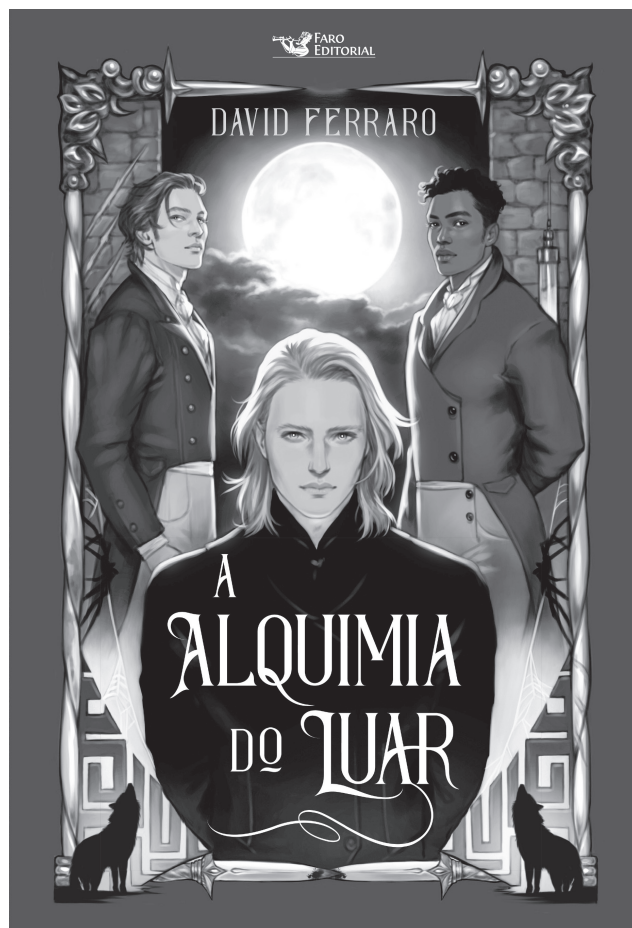
Uma das bruxas Vermelhas encarou meu olhar quando passei, abrindo um sorriso sedutor para mim, como se eu fosse sua próxima refeição e não o contrário.

Elas nos odiavam, mas isso não as impedia de querer o sexo selvagem que acompanhava com tanta frequência as alimentações. Séculos de desdém não podiam impedir o fato de que uma bruxa e um Hospedeiro combinavam *muuito* bem de algumas maneiras.

Meus caninos latejaram com a necessidade de alimento, mas eu os empurrei de volta. Isso podia esperar até eu voltar.

Havia um trabalho a ser feito primeiro.

LEIA TAMBÉM



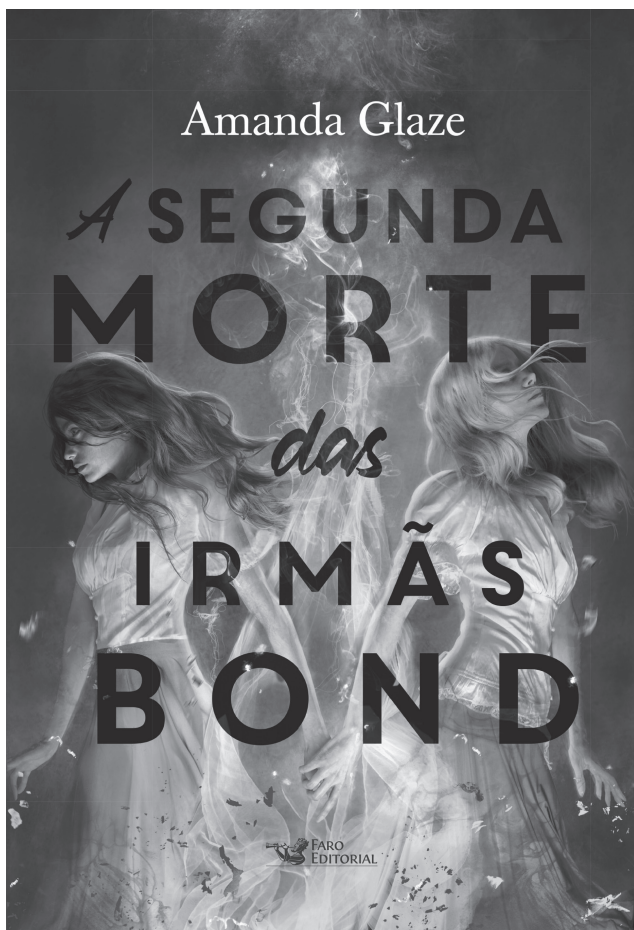
Amanda Glaze

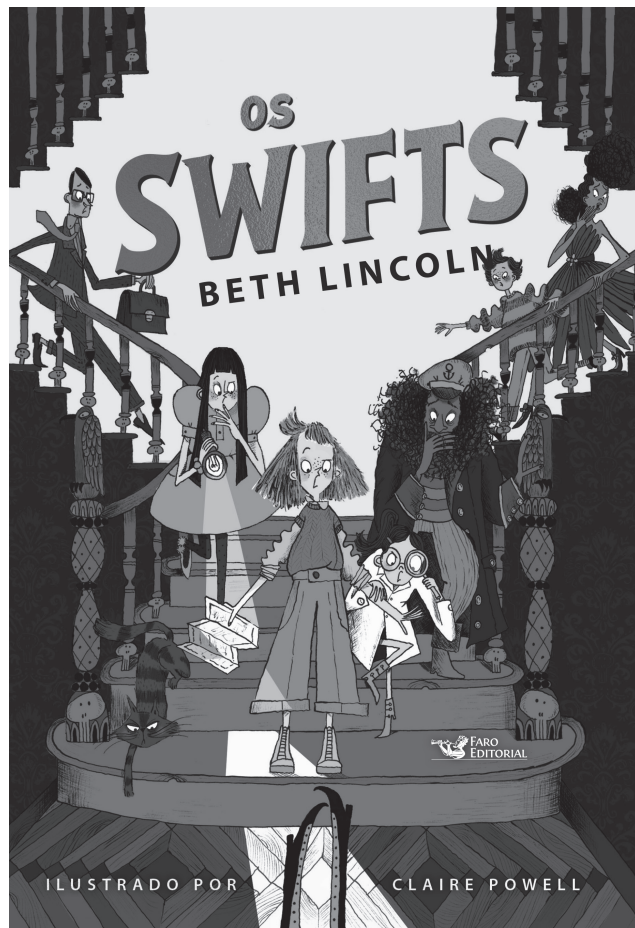
A SEGUNDA
MORTE

das

IRMÃS
BOND

FARO
EDITORIAL





**ASSINE NOSSA NEWSLETTER E RECEBA
INFORMAÇÕES DE TODOS OS LANÇAMENTOS**

www.faroeditorial.com.br

CAMPANHA



FiqueSabendo

Há um grande número de pessoas vivendo com HIV e hepatites virais que não se trata.

Gratuito e sigiloso, fazer o teste de HIV e hepatite é mais rápido do que ler um livro.

FAÇA O TESTE. NÃO FIQUE NA DÚVIDA!



**ESTA OBRA FOI IMPRESSA
EM FEVEREIRO DE 2024**